

OS MULTILETRAMENTOS E O TRABALHO COLABORATIVO: DINAMIZANDO O CURRÍCULO ESCOLAR

Célia Maria de Lira Guimarães¹
Amara Cristina de Barros e Silva Botelho²

RESUMO

As tecnologias digitais modificaram a forma da sociedade lidar com a comunicação e a informação em todas as instâncias das atividades humanas. Este artigo tem a intenção de abordar o tema dos multiletramentos na escola e sua relação com o currículo escolar na perspectiva de realização de práticas colaborativas entre os docentes e discentes. Alguns conceitos são abordados, como o que é letramento, letramentos e multiletramentos, para fazermos a devida distinção entre os termos. Algumas perguntas pertinentes se apresentam: Por que pensarmos em multiletramentos para dinamizar o currículo escolar? Por que é importante trabalhar os multiletramentos articulando com a experiência da colaboração? Quais habilidades e competências a escola trabalha no aluno quando dinamiza sua prática pedagógica com multiletramentos? Essa é uma pesquisa bibliográfica que contempla estudos de Rojo, Kleiman, Soares, Sausmick e Andrade. Os estudos aqui mencionados trazem os resultados positivos quanto às práticas pedagógicas utilizando multiletramentos e as habilidades e competências necessárias aos estudantes para que, com criticidade e autonomia, transitem nos espaços sociais de diferentes culturas nessa sociedade que é mediada pelas novas tecnologias digitais.

Palavras-chave: Letramento, Multiletramentos, Currículo Escolar, Colaboração.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, discorreremos sobre os multiletramentos a partir do surgimento do termo letramento e a necessidade da escola em revisitar o currículo e investir em práticas colaborativas, para que acompanhe as mudanças contemporâneas nos campos das linguagens e cultura a partir da expansão das novas tecnologias digitais. Falar de multiletramentos é ir buscar na história da educação a causa do seu aparecimento e quem o trouxe à discussão. Assim, é indispensável saber o que é a Pedagogia dos Multiletramentos e quem foi o Grupo de Nova Londres. Concebemos a escola como uma das instituições sociais que, sendo responsável pela formação integral dos sujeitos, precisa acompanhar e contextualizar as mudanças que ocorrem no cenário socio-político-cultural da sociedade.

¹ Mestranda do Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Pernambuco-UPE, celialira04@gmail.com

² Doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Paraíba, Mestra em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Professora da Universidade de Pernambuco – UPE, cristinabotelho@gmail.com

Contemplamos aqui para esse texto, uma pesquisa bibliográfica sobre multiletramentos, enfocando conceitos que eles trazem para a discussão, como por exemplo, letramento, as práticas colaborativas, as tecnologias digitais e as mudanças provocadas por elas nas relações sociais, leitura, escrita e produção. Também tratamos da necessidade da instituição estimular o protagonismo juvenil e valorizar as diversas culturas que adentram pela escola no seu cotidiano. Apresentamos ainda informações sobre o acesso à rede mundial de computadores pelos domicílios brasileiros, seus usos e implicações na atualidade. As leituras privilegiam estudos, entre outros, de Rojo, Kleiman, Soares, Sausmickt e Andrade.

Propomos como sugestão que a escola revise e dinamize seu currículo com práticas educativas que valorizem os multiletramentos, estimule projetos e a colaboração de professores e discentes em prol do protagonismo dos seus estudantes e, junto à cultura valorizada, dê espaços às culturas locais e as trazidas pelo alunado. Por fim, que sejam revistas como as questões das tecnologias digitais, pelos desafios que apresentam, possam ser incorporadas nas instituições educativas, por meio de reflexões e discussões do que tem sido feito para vencer esses desafios. Outra contribuição é sobre quais habilidades e competências são adquiridas pelo discente ao participar de práticas de multiletramentos.

METODOLOGIA

Este artigo propõe uma discussão sobre os multiletramentos e as possibilidades de atividades pedagógicas que dinamizem o currículo escolar e que privilegiem a colaboração entre docentes e discentes no processo.

Para o aprofundamento teórico e elaboração de sua escrita, foram analisados os conceitos teóricos e origem do termo multiletramentos nos estudos de Rojo, Kleiman e Soares. Em Sausmickt e Andrade temos relato de experiência com multiletramentos e a formação do leitor. Feito isso, realizamos uma análise das leituras e das necessidades da escola em dar resposta ao que respeita ao processo de ensino e aprendizagem na utilização das tecnologias digitais. A aproximação dos conceitos teóricos à prática pedagógica permite aos professores a vivência de um processo contínuo de formação e contextualização, que ecoa na escola possibilitando aos alunos, protagonismo, ação cidadã e criticidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Letramento e letramentos: a distinção entre os termos

No Brasil, final da década de 90, enquanto acontecia a reforma educacional, sobre os estudos de linguagens, se destacavam as pesquisas de Magda Soares, Leda Tfouni e Angela Kleiman, que discutiam o letramento como sendo práticas de leitura e escrita até então escolarizadas e que precisavam ser vinculadas às práticas sociais de linguagens as quais os sujeitos se vinculam de conformidade com os meios socioculturais a que participam e vivenciam.

Sobre letramento Angela Kleiman nos diz:

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode se afirmar que a escola, a mais importante das agências de letramento, preocupa-se, não com o letramento, prática social, mas com um tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico), processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o processo e promoção da escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. (KLEIMAN, 1995, p. 20)

O termo letramento antes era relacionado à alfabetização. Dessa época se esperava que os sujeitos apenas soubessem assinar os seus nomes e, até que, com a Revolução industrial, veio a necessidade de entendimento, pelas pessoas, de produzirem pelo menos um pequeno texto, pois teriam que operar as máquinas (ROJO, 2013). Tempo depois, as práticas de leitura e escrita foram mais necessárias. E elas eram mais complexas, pois iam além de saber codificar e decodificar (que se conhece como alfabetismos).

Diferenciando o termo alfabetização de letramento, Magda Soares traz essa explicação sobre quem é alfabetizado e sobre quem é letrado:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2018, p. 30)

Rojo sobre o termo letramento salienta que:

No entanto, o que é chamado de letramento não envolve somente as capacidades de leitura e escrita individuais que a escola desenvolve: é mais que isso. Compreende práticas variadas e díspares que estão além da escola, como pagar compras com cartão de banco e circular no trânsito. A evolução mais recente é o conceito de multiletramentos. Com as novas tecnologias, os textos são cada vez menos só escritos. Basta pensar em um jornal do início do século passado. Eram apenas letras em uma diagramação. Hoje, a diagramação é muito mais sofisticada e apoiada em muitas imagens. (ROJO apud FUNDAÇÃO TELEFÔNICA, 2013, p. 8)

A escola, portanto, se preocupava apenas com as questões relacionadas à leitura e escrita. Exemplo disso são as avaliações externas, como PISA, ENEM, SAEB (criadas na década de 90), que sempre foram indicadores do alfabetismo e letramento (capacidade de leitura) da educação básica no Brasil. E como indicadores, apontavam, e ainda o fazem,

resultados insuficientes, a necessidade da escola melhorar tais resultados e investir em currículo, melhorar a prática pedagógica e fomentar as formações continuadas de professores.

Vamos à Nova Londres, Conecticut (USA), 1996. Um grupo de pesquisadores em letramentos, reunidos num colóquio elabora e publica o manifesto *A pedagogy of multiliteracies – Designing social futures* (Uma pedagogia de letramentos – projetando futuros sociais). Esse grupo de pesquisadores ficou conhecido pelo nome de *New London Group* - Grupo de Nova Londres. A principal motivação do grupo era discutir o estado da pedagogia dos letramentos, pois os resultados educacionais não eram dos melhores para o Reino Unido, Austrália e Estados Unidos.

Para o Grupo de Nova Londres-NLG, as novas tecnologias e a pluralidade cultural dos estudantes eram responsáveis por outras formas de interação, por isso, a escola deveria repensar o seu currículo e contextualizá-lo num mundo com tanta diversidade de linguagens. Da variedade, da multiplicidade, veio a ideia de agregar a palavra multi a letramentos.

Aguiar e Fisher nos trazem o seguinte:

Deste modo, o NLG com suas discussões e teorizações construiu uma pedagogia a ser aplicada, experimentada e validada em sala de aula pelos professores como forma de qualificar as práticas docentes na escola. Cope e Kalantzis (2001), ao elaborarem os princípios Prática Situada, Instrução Explícita, Estrutura Crítica e a Prática Transformada, apontam que tal sequência não é para ser concebida de forma rígida nem para sugerir que o que os professores estão fazendo até o momento é inadequado. Os autores sustentam que a pedagogia dos multiletramentos é mais um recurso didático disponível aos professores para complementar suas práticas em sala de aula. (AGUIAR; FISHER 2012, p. 5)

Porém, ainda nos atendo a letramentos, podemos citar a diversidade de letramentos que temos hoje para compreender, discutir e trabalhar na escola. Citamos alguns exemplos: letramento digital, letramento literário, letramento crítico, letramento de reexistência ou letramento racial, letramento científico, letramento político. Podemos ainda citar, nessa variedade de letramentos, o letramento matemático, o letramento financeiro, o letramento em EJA enfim, há uma diversidade. Eles são muitos porque ocorrem em espaços sociais variados, em grupos e culturas diferentes, são de diferentes formas e funções.

1. Por que pensarmos em multiletramentos para dinamizar o currículo escolar?

Num país como o nosso, marcado por uma forte diversidade cultural, originada em seu processo de colonização e que envolve formas de aculturação, os sujeitos estão sempre se modificando culturalmente ou ainda se adaptando a outra cultura, a cultura de resistência, e ainda aos efeitos da globalização sobre essa sociedade. Portanto, não se pode negar discutir os multiletramentos nesse cenário.

Conforme Rojo:

[...] O conceito de multiletramentos apontam para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes nas nossas sociedades, principalmente, urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e comunica. (ROJO, 2012, p. 13).

Um exemplo que podemos citar é o advento das novas tecnologias digitais de comunicação e informação, na era da modernização, que modificou profundamente as vidas dos indivíduos, pelo menos dos que não ficaram à margem dessa modernização, e nos fez ver um intenso crescimento de pessoas na internet, principalmente de jovens e adolescentes. Porém, isso não significa que pelo acesso a elas, essas pessoas as dominem, pois, o domínio dessa inserção crítica, significa, que elas sejam usadas conscientemente, utilizando suas potencialidades para o conhecimento e resolução de problemas nos diferentes contextos sociais.

Pela pluralidade cultural, a escola precisa trazer a discussão sobre os multiletramentos, incrementar seu currículo e possibilitar parcerias entre os docentes e estudantes para realização de trabalhos colaborativos. Letramentos múltiplos é a multiplicidade e variedade das práticas letradas, as quais a sociedade valoriza ou não, e que diferem do conceito de multiletramentos (Rojo, 2012). Abrimos um espaço aqui para contextualizar o momento de pandemia que o mundo vive, causada pela covid-19, que precisou fechar escolas e promover o ensino remoto, numa situação muito grave pelo fato dos professores não dominarem o uso das tecnologias digitais na educação. Hoje, forçosamente, o sistema educacional se vê tendo que oferecer o ensino remoto e/ou o ensino híbrido, e reconhecer o atraso que é a não incorporação das tecnologias digitais na educação, e em decorrência de seu não domínio por uma boa parte dos docentes.

Em relação à multiplicidade cultural das populações, essa diz respeito às produções culturais letradas em grande circulação, como textos híbridos de letramentos diversos, de campos diferentes (ditos “popular”/de massa/erudito), também híbridos (ROJO, 2012, p. 13). Da multiplicidade de constituição dos textos, sabemos que os jovens estão na internet lidando com textos (contemporâneos) que não são constituídos apenas de palavras, mas de imagens, sons, gestos, que requerem atribuições de sentidos. Esses são chamados gêneros multimodais. As leituras dos textos na internet nem sempre são realizadas de uma forma crítica, e facilmente são consumidas e repassadas sem nenhuma preocupação sobre se são verdadeiras, confiáveis, seguras. A autonomia que a escola precisa trabalhar nos discentes é a de que eles possam fazer escolhas de conteúdos, aprender sobre as novas linguagens, que possam elaborar seus próprios textos e conhecimentos, de modo crítico, e colocá-los em circulação. O estudante precisa ser protagonista. E a escola deve fazer emergir a diversidade de culturas trazidas e vivenciadas

pelos jovens, sendo estas entendidas como sendo culturas dos locais, da comunidade e do entorno dos alunos e da própria escola.

Os textos da contemporaneidade, impressos ou digitais, caracterizados pela multiplicidade de linguagem, apresentam diversidade de incorporação de mídias (áudios, vídeos, tratamento de imagens etc), exigindo do leitor capacidade e prática de compreensão e de produção. Rojo então aponta as novas ferramentas que são necessárias ao passarmos dos letramentos para os multiletramentos:

E como ficam nisso tudo os letramentos? Tornam-se multiletramentos: são necessárias novas ferramentas — além das da escrita manual (papel, pena, lápis, caneta, giz e lousa) e impressa (tipografia, imprensa) — de áudio, vídeo, tratamento da imagem, edição e diagramação. São requeridas novas práticas: (a) de produção, nessas e em outras, cada vez mais novas, ferramentas; (b) de análise crítica como receptor. (ROJO, 2012, p. 21)

Apesar das orientações dos documentos oficiais, a essa altura nós, particularmente, citamos o currículo escolar, lembramos que a escola deve ter um olhar diferenciado para o currículo e estar atenta à sua flexibilidade, diferenciar letramento de multiletramentos, priorizar a cultura local para ser trabalhada junto à cultura valorizada. Também possibilitar que as diferentes linguagens, aquelas que circulam nos espaços virtuais, possam ser exploradas, aprendidas, utilizadas nos projetos e atividades escolares.

2. Por que é importante trabalhar os multiletramentos articulando com a experiência da colaboração?

O trabalho colaborativo na escola tende a render experiências de ensino e aprendizagem bem mais interessantes que possamos imaginar. E a colaboração é uma das características dos multiletramentos. Pelos diferentes saberes e culturas que fluem no ambiente escolar, além das linguagens trazidas pelas novas tecnologias, o trabalho colaborativo possibilita aos professores e estudantes um vínculo bem interessante.

A integração de docentes em projetos ou atividades de colaboração não compromete suas individualidades e programas a serem cumpridos nas disciplinas. Tanto é que ao se planejar uma ação interdisciplinar, o nível de conhecimento construído é bem melhor para os alunos, decorrente da integração das disciplinas e seus diversos saberes. O trabalho colaborativo possibilita aos profissionais o exercício da participação para se alcançar objetivos em comum e a convivência com outros profissionais para cumprir a missão da instituição por melhor qualidade nos serviços educacionais prestados à comunidade escolar. Assim há uma superação do individualismo em prol do coletivo.

A cultura escolar sob a influência do trabalho colaborativo gera benefícios como: participação coletiva, sentimento de pertença, possibilidades de reflexão pessoal e avaliação da prática docente, vencer o individualismo, dentre outros pontos positivos. Para o trabalho colaborativo, a escola deve buscar na interdisciplinaridade orientações sobre pedagogias de projeto, para que alunos e professores trabalhem juntos, que tenham clareza sobre como e o que fazer, quais linguagens utilizar, quais produções alcançar e quais recursos tecnológicos digitais dispõem. E ainda que também trabalhem a leitura e a escrita sem ser necessariamente questões da disciplina de Língua Portuguesa. Quanto aos gêneros multimodais, há uma variedade imensa para escolha: vídeos, podcast, games, gifs, remix, arte digital, animação, ciberpoema e muitos outros. Porém, a escola tem desafios a superar em relação ao domínio sobre o multiletramentos: formação continuada de professores, recursos tecnológicos digitais, internet.

Exemplo de atividade com multiletramentos foram vivenciados por uma escola de ensino médio: alunos foram estimulados, com a leitura do livro de “O cortiço”, de Aluísio de Azevedo, a produzir infográfico, memes, como fofoca literária, ou o chamado *spoiler* para despertar o interesse dos colegas pela leitura da obra. Depois criaram uma página na rede social para publicar os trabalhos. Numa etapa seguinte, os estudantes produziram um vídeo *stop-motion* sobre o livro. (MARCON; SILVA; ERTHAL, 2020, p.10). Sobre os resultados das atividades, observaram que:

Os estudantes adquiriram conhecimentos e desenvolveram, com as atividades propostas, importantes competências, como o espírito crítico e criativo e a cooperação, utilizaram-se de múltiplos letramentos ao expressarem-se através de diferentes linguagens – verbal, visual e digital –, além de ampliarem as habilidades relacionadas ao universo digital. (MARCON; SILVA; ERTHAL, 2020, p. 11)

3. Quais habilidades e competências a escola trabalha no estudante quando dinamiza sua prática pedagógica com multiletramentos?

Para melhor responder à questão, precisamos aprofundar alguns conceitos sobre a pedagogia dos multiletramentos. Retornemos ao Grupo de Nova Londres e vejamos como os três pesquisadores tratam a Pedagogia dos Multiletramentos:

[...] estado ou condição que assume aquele que utiliza bem a leitura e a escrita, considerando que as atividades que envolvem a diversidade de linguagens requerem do sujeito uma participação ativa e crítica diante de questões pessoais, do cotidiano e do mundo. Assim, o prefixo “multi” justifica-se pelo modo de representação muito mais amplo, pois, além dos aspectos linguísticos, contempla também os de ordem cultural, o contexto e os efeitos sociais que os letramentos podem causar ao indivíduo. (SAUSMICKT; ANDRADE, 2018, p.3)

Temos hoje uma expressiva variedade de mídias, canais de comunicação, diversidade cultural e variação linguística que justificam o surgimento da pedagogia dos multiletramentos,

por serem dinâmicos e mudarem conforme tempo e gosto dos sujeitos para atingirem seus fins culturais (SAUSMICKT; ANDRADE, 2018, p. 27). Portanto, da escola fazendo parte indivíduos que participam de vários contextos de aprendizagem, deve ela considerar as identidades e diferenças subjetivas desses sujeitos. Também cabe a ela trabalhar com a flexibilização do currículo, dos conteúdos e práticas pedagógicas para atingir o que se espera de uma educação contextualizada e que considera as mudanças sociais da contemporaneidade.

A Pedagogia dos Multiletramentos traz quatro elementos importantes para entendermos de que maneira os eventos em letramentos podem produzir a construção de conhecimento e competências de maneira positiva na vida dos indivíduos: a prática situada, a instrução explícita, o enquadramento crítico e a prática transformadora. São elementos apontados por Cope e Kalantzis (SAUSMICKT e ANDRADE, 2018, p. 27).

A prática situada se refere às experiências e uso de discursos, inclusive os advindos das experiências dos alunos. Nesse caso, há todo um sentido já que suscita interesses nos estudantes, pelos temas ou objetos tratados, pois fazem parte de seus universos, ou ainda, por se interessarem pelo que trazem de novo.

A instrução explícita representa a compreensão de forma consciente e analítica do objeto em estudo. Com a colaboração dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, ocorrem nesse ponto, o conceito e a construção de significados.

O enquadramento crítico diz respeito à interpretação do contexto cultural e social no qual o significado é construído.

Por fim, a prática transformadora, a qual “[...] é a transferência da prática de produção de significado para o trabalho em outros contextos e locais culturais. É a aplicação do conhecimento adquirido na escola a outras realidades”. (SAUSMICKT; ANDRADE, 2018, p. 28). A vivência desses elementos na prática pedagógica a torna significativa. São os modos de “conhecer, de construir significados e de promover aos estudantes formas multifacetadas de ler o mundo, dado que os ambientes comunicativos são multimodais”. (SAUSMICKT; ANDRADE, 2018, p. 28)

A experiência de vida que o estudante tem na escola, onde brota uma diversidade de cultura, identidades, valores, classes sociais, gênero, religiosidade, habilidades físicas e mentais, é uma experiência riquíssima de conhecimento num ambiente com características híbridas. A sala de então, sendo democrática, ao possibilitar a esse estudante o acesso a bens culturais e leituras de textos multimodais, lhe amplia um repertório de conhecimentos, e esse pode ter voz e emitir suas opiniões críticas, produzir e fazer circular seus próprios textos, é a maneira adequada de se chegar ao que orienta a pedagogia dos multiletramentos.

É dessa forma, que o contato com a “[...] diversidade de sujeitos, de linguagens, de produção de sentido e diálogo com diferentes sistemas semióticos, dentro e fora da escola, vai promover formas e níveis diversos de habilidades”. (SAUSMICKT; ANDRADE, 2018, p. 28), É assim que o estudante vai melhor percorrer e se comunicar com os mais variados grupos sociais dos quais faz parte. Rojo e Moura complementam com a caracterização dos multiletramentos:

[...] caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático — que envolva agência — de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados (como é o caso dos trabalhos com hiper e nanocontos) ou desvalorizados (como é o caso do trabalho com picho). (ROJO; MOURA, 2012, p. 8)

4. O acesso ao mundo virtual em números pelos brasileiros – uma realidade a considerar

O monitoramento da transformação digital deve ser exercício e compromisso da sociedade e do governo. Temos no Brasil algumas instituições que acompanham, implementam e estudam a importância do uso da internet pela população brasileira, tais como: Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br), Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br). Através do Cetic.br, por exemplo, o Brasil tem acesso, anualmente, a mais de 550 indicadores sobre a adoção das TIC em setores como os “domicílios, empresas, provedores de Internet, telecentros, órgãos governamentais e das instituições que proveem serviços essenciais como saúde, educação e cultura.” (BRASIL, 2018, p. 21). A partir desse monitoramento, o Cetic.br faz análises comparativas com os estudos das agendas globais, como Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), das metas da Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação (WSIS) e da Agenda Digital para América Latina e Caribe (eLAC). A iniciativa para as pesquisas permite que os resultados sejam para que governo e sociedade civil possam atuar, colaborativamente, para o fortalecimento de uma economia digital inclusiva. Então, como a escola pode fazer uma leitura desses dados? Da questão da economia digital inclusiva pensemos na questão do uso crítico digital inclusivo.

Os dados da pesquisa TIC Domicílios subsidia as políticas públicas sobre a inclusão digital e a universalização da banda larga nos domicílios brasileiros com importantes informações sobre as habilidades digitais, atividades culturais, comércio eletrônico, governo eletrônico (BRASIL, 2018). No último estudo os dados apresentados são de que, embora o avanço da internet não tenha sido suficiente para balancear o uso da rede entre os cidadãos

brasileiros, a surpresa veio com a metade da população de baixa renda utilizando a rede, que é num total de 48%. As classes A e B, de alta renda, é de 92% e 91%, respectivamente. A classe C, classe média, é de 76%. Com a alta do uso da rede pela classe de baixa renda, o estudo aponta que:

No entanto, é fundamental buscar uma ótica ampliada da exclusão digital que ultrapasse a dimensão do acesso e leve em conta as disparidades referentes ao uso e à presença de habilidades digitais – o que ficou conhecido na literatura por second level digital divide 1, 2. Um olhar sobre as atividades on-line realizadas pelos usuários das camadas economicamente menos favorecidas, por exemplo, mostra um uso mais limitado e menos diversificado da Internet. (BRASIL, 2018, p. 23)

A pesquisa mostra que o uso da rede pelos usuários dessa classe se dá através do aparelho celular e que a conexão é exclusivamente pelo wifi. Pelo acesso mais restrito à rede e pelo acesso restrito também a equipamentos de informática, as implicações para esses usuários são de

[...] na mobilização de recursos (dispositivos e habilidades digitais) para que possam explorar as inúmeras oportunidades oferecidas pela rede e, conseqüentemente, consigam converter esse uso em benefícios tangíveis para as suas atividades pessoais e profissionais – o que indicaria a existência de um terceiro nível de exclusão digital. (BRASIL, 2018, p. 24)

As relações entre desigualdades sociais e digitais entre os brasileiros são dados que realmente sociedade civil e governo devem se preocupar, pois, os efeitos produzidos nos indivíduos devem ser de “criar e tratar informações e de transformá-las em conhecimentos que são requeridos por novos paradigmas da economia digital.” (BRASIL, 2018, p. 24). Temos então, dados de estudos exclusivamente nos domicílios brasileiros, mas, ao pensarmos nas escolas e no sistema educacional, podemos obter dados também bem preocupantes que vão se relacionar aos usos dos recursos digitais na educação para aquisição e produção de conhecimentos. Os estudantes em processo de formação, que não são população economicamente ativa - PEA, não declaram ter renda, são os que mais praticam atividades culturais na internet. E quanto ao nível de instrução, quanto mais escolarizado, mais intensa é a atividade na internet. O cidadão com ensino médio completo é o que mais acumula práticas no ambiente digital. Das práticas de utilização da internet, a pesquisa aponta que o brasileiro usa mais para ouvir e baixar música, assistir a vídeo, baixar filmes, jogar on-line ou baixar jogos.

A pesquisa é bem interessante para o sistema educacional, embora não trazemos aqui todas as informações levantadas, apenas alguns exemplos, mas dá para se fazer uma leitura sobre o acesso à internet, o seu uso e finalidades pelo cidadão brasileiro. É importante salientar que as práticas de multiletramentos não necessariamente se faz uso das tecnologias digitais,

pois experiências escolares trazem relatos de sequências didáticas em linguagens utilizando atividades com os alunos com produção de texto, imagens e a oralidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Assentimos com Rojo e Barbosa sobre a escola ter um currículo multiletrado que considera os novos letramentos digitais da hipermodernidade. O termo, elas mencionam Charles (2009), que conceitua hipermodernidade como sendo não a superação, mas a radicalização da modernidade. (ROJO; BARBOSA, 2012). Assim, os recursos tecnológicos digitais tão utilizados pela sociedade venham a ter também utilidade no processo de ensino e aprendizagem e que sejam explorados pela prática pedagógica. Estamos diante da reinvenção da escola nesses tempos de pandemia, o que exige que tenhamos que fazer uso dessas tecnologias para realização das aulas remotas e híbridas.

Defendemos que a formação continuada dos professores seja contextualizada em suas necessidades de atender às expectativas que as transformações sociais exigem e que, no caso dos multiletramentos, seja possibilitado o protagonismo dos alunos com produções das mais variáveis, nas áreas do conhecimento, tais como jornais, vídeos, podcast, textos multimodais etc, e sempre valorizando a cultura local e discutindo o que adentra na escola das vivências dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quase 25 anos após o surgimento da pedagogia dos multiletramentos e, mesmo não sendo bem recebida pelos que defendiam a pedagogia tradicional, se tornou bem referenciada com as mudanças provocadas pelas novas tecnologias digitais e seu uso na esfera educacional.

Notório é compreender porque estudiosos do assunto defendem que a escola se aproprie de todo o conhecimento sobre multiletramentos e passe a realizar as práticas educativas que o contemple para possibilitar aos estudantes desenvolver as competências e habilidades nas novas linguagens de leitura, escrita e produções oriundas da sociedade tecnológica. Afinal, da escola fazem parte os nativos digitais, embora a maioria não saiba as potencialidades e usos das ferramentas do mundo virtual, portanto, tem que ser orientados para um aprendizado crítico e autônomo.

A necessidade do momento é realmente discutir sobre as práticas de multiletramentos no ambiente escolar, devido ao que hoje estamos vivendo com a pandemia mundial e as escolas

realizando aulas remotas, apesar do despreparo de docentes, discentes e familiares. Nesse contexto, cabe a instituição escolar refletir sobre o ensino remoto, híbrido e metodologias ativas. Desse modo, o contexto atual convida a escola a ter um olhar diferenciado para a flexibilidade de seu currículo, para o trabalho com a interdisciplinaridade, com a formação continuada dos docentes e com o compromisso com a formação de estudantes críticos e autônomos no uso das tecnologias digitais. Ressaltamos que não é só a formação crítica, mas também ética que deve ser compromisso da escola, tendo em vista estarmos passando por um momento crítico em que a falta de ética na rede mundial de computadores tem acarretado inúmeros problemas na sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Marcia Juliana Dias; FISCHER, Adriana. A pedagogia dos multiletramentos: uma proposta para a formação continuada de professores. **Leia Escola**, Campina Grande, v. 12, ano 2012, n. 2, DATA. Disponível em: <<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/285>>. Acesso em: 15 mar. 2021.

BRASIL. Comitê Gestor da Internet no Brasil. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros** : TIC domicílios 2018. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, -- São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019. Disponível em <https://cetic.br/pesquisa/domicilios/indicadores> Acesso em: 18 fev. 2020.

FREIRE, Paulo. Carta aos professores. **Paulo Freire: um educador do povo**. ITERRA-Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária: Rio Grande do Sul, 2001.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA. Conteúdo: aluno monitor. **Educação no século XXI**. Multiletramentos. V. 3. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2013. Disponível em: <http://fundacaotelefonica.org.br/wp-content/uploads/2013/03/caderno3_multiletramentos.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2021

KLEIMAN, Angela. **Os significados de letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MARCON, Vanessa da Silva; SILVA, Veronice Camargo; ETHAL, Auriane. Experiências de Multiletramentos na escola pública: ensino híbrido, metodologias ativas e interdisciplinaridade. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, | mai./ago. 2020. Disponível em <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2192/2590>> Acesso: 27 mar. 2021.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola** - Estratégias de ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SAUSMICKT, Eliana Costa e ANDRADE NETA, Nair Floresta. As contribuições da Pedagogia dos multiletramentos à formação do leitor literário. In: Maria da Penha Casado e



MIRANDA, Neuza Salim (org.). **Ensino de literatura no ensino fundamental**. Natal: SEDIS-UFRN, 2018.

SOARES, Magda. **Letramento** - Um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

SOUZA, Ana Lúcia et al. Letramento de reexistência – um conceito em movimentos negros. **Revista da ABP** N • v. 10, Ed. Especial *Caderno Temático: Letramentos de Reexistência* - janeiro de 2018, p.01-11.